

**Artigo avulso****O Reino da Razão: Saúde Mental estudantil e produção de conhecimento na universidade<sup>96</sup>**

Rafael de Mesquita Freitas

Doutorando em Antropologia Social pela Universidade de Brasília (PPGAS/UNB)

rafaelmffreitas@gmail.com

**Resumo:** Este artigo intenta entender o que compõe a vida acadêmica, mais especificamente, em relação ao que compõe o cotidiano de estudantes universitários que, ao longo de suas trajetórias, desenvolvem um sofrimento que é geralmente classificado como psíquico. Pretendo apresentar como duas características estão presentes na universidade: uma espécie de reino da razão e uma gestão empresarial em prol de maior eficácia. Interessa saber como aquilo que chamarei de Reino da Razão se relaciona com essa gestão empresarial e se materializa dentro do campo acadêmico para entender, por fim, quais as consequências desta fusão para as pessoas que compõem as universidades. O presente estudo realiza uma discussão fundamentada em revisão bibliográfica acerca da produção da ciência acadêmica, passando por um determinado ramo de transformações na produção deste saber e de suas consequências, dando destaque principalmente aquelas se conectam com consequências na saúde mental dos estudantes. Apresento brevemente uma análise sobre dois grupos terapêuticos que ocorreram em duas universidades distintas e sobre sua sobre o sofrimento narrado e vivido dos estudantes.

**Palavras-Chave:** Universidade, Racionalismo, Saúde-Mental

**The Reign of Reason: Student mental health and knowledge production at university**

**Abstract:** This article attempts to understand what makes up academic life, more specifically, in relation to what makes up the daily lives of university students who, throughout their trajectories, develop suffering that is generally classified as psychic. I intend to present how two characteristics are present in the university: a kind of kingdom of reason and a business management in favor of greater efficiency. It is interesting to know how what I will call the Kingdom of Reason relates to this business management and materializes within the academic field to understand, finally, what the consequences of this merger are for the people who make up the universities. The present study carries out a discussion based on a bibliographic review about the production of academic science, going through a certain branch of transformations in the production of this knowledge and its consequences, highlighting mainly those connected with consequences on the mental health of students. I briefly present an analysis of two therapeutic groups that took place at two different universities and their analysis of the students' narrated and experienced suffering.

**Key-Words:** University, Rationalism, Mental-Health

---

<sup>96</sup>A pesquisa que fundamenta este artigo foi desenvolvida durante o mestrado em antropologia da Universidade Federal do Ceará e Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. A pesquisa contou com apoio financeiro Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento (CNPq).

## Introdução

A pesquisa que origina este artigo intenta entender o que compõe a vida acadêmica, mais especificamente, em relação ao que compõe o cotidiano de estudantes universitários que, ao longo de suas trajetórias, desenvolvem um sofrimento que é geralmente classificado como psíquico. Digo geralmente pois, privilegiando uma abordagem antropológica, tratarei o tema muito mais enquanto um tópico da ordem das relações sociais e das estruturas nas quais os estudantes estão inseridos do que uma questão de ordem individual. Mais especificamente, neste artigo aponto para a necessidade de revisar as políticas de produção de conhecimento no ensino superior, como forma de gerar um acolhimento maior aos estudantes e professores e agir de forma mais efetiva sobre a saúde mental das pessoas que compõem a universidade. O campo empírico que levantou as questões abordadas neste artigo são os encontros em dois grupos terapêuticos, um situado na Universidade Federal do Ceará (UFC) e outro na Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Para fins deste artigo, analiso a atuação destes dois grupos terapêuticos e sua atuação sobre o sofrimento narrado e vivido pelos estudantes. Proponho uma leitura de sua atuação como formas resistência ou absorção deste novo espírito do capitalismo e sua relação com o bem-estar.

O grupo terapêutico que acompanhei na UNIFOR foi centrado no tema “Bem-estar e controle da ansiedade no ambiente acadêmico” e tinha como fundamento de sua abordagem um conjunto de técnicas proveniente do *Mindfulness*, que possui um vasto campo de pesquisas e publicações, que delinea seus princípios, técnicas e aplicações. Enquanto algumas abordagens destas técnicas têm focado na transformação de experiências de sofrimento ou nas suas relações com a meditação budista, o grupo terapêutico criado na Universidade de Fortaleza tem como objetivo criar ferramentas para manejar o estresse e potencializar a atenção. Na UFC, por sua vez, o grupo que acompanhei foi intitulado Grupo de Autocuidado e tinha como fundamento o Psicodrama. De acordo com divulgação do laboratório do curso de psicologia que promoveu o grupo, sua existência é “motivada pela alta taxa de evasão dos cursos da UFC, pela intensa demanda de cuidado em saúde mental por parte dos estudantes e pelo aumento nos casos de tentativa de suicídio no ambiente acadêmico”.

Ao longo deste artigo desenvolvo a ideia de como o saber adquirido na universidade se distancia das trajetórias dos estudantes. As consequências diante aleijamento de suas trajetórias vão desde o afastamento em relação à universidade como desenvolvimentos de sintomas reconhecidos sob o guarda-chuva da saúde mental. Uso a expressão saúde mental como uma categoria que tem validade para os próprios interlocutores com quem pesquiso, mas também para questionar algumas de suas implicações. Por exemplo, ela carrega consigo uma série de horizontes, alguns inescapáveis, que merecem uma atenção mais pormenorizada. Quero destacar duas das implicações, quais sejam,

um modo de definir e pensar pessoas baseado na separação entre corpo e mente, que, por sua vez, implica noutra separação consequente, a entre a experiência individual e social. A noção de saúde mental, portanto, carrega um duplo-vínculo (*double-bind*<sup>97</sup>) para a minha perspectiva; entenda-se, de modo concomitante ela é entendida e operacionalizada como categoria êmica, assim como ética, isto é, uma categoria a ser tensionada (ou desconstruída) com as experiências reais vividas pelos estudantes.

### O Reino da Razão

Somos confrontados continuamente com uma exigência de urgência. Urgência para tomar decisões dinâmicas, para entrar no mercado de trabalho, para alcançar sucesso comercial (ou sua variante mais cruel, *sucesso na vida*<sup>98</sup>), enfim, para não ficar para trás na concorrência implícita em diversos modos de viver. Poder-se-ia dizer que essa urgência é uma característica do espírito do tempo em que vivemos.

Se as universidades, assim como os templos religiosos, foram por muito tempo tidos como lugares de lentidão e contemplação, fora das demandas imediatas do mundo social e econômico, certamente pode-se afirmar que esse cenário mudou. Esta conversão se deu pelos mais diversos motivos, como, por exemplo, a expansão das universidades, o aumento da quantidade de universidades disputando um financiamento cada vez mais limitado, o que passa a solicitar gestões cada vez mais eficientes. A expansão das universidades é uma das maiores conquistas do ensino superior nas últimas décadas. Inclusive a com a inserção de públicos cada vez mais diversos, as universidades têm a oportunidade de acolher cada vez mais demandas de pesquisa distintas.

---

<sup>97</sup>Esta noção foi desenvolvida por Bateson, em sua monografia (1958), acerca de um ritual praticado entre os Iatmul, na Nova Guiné, na primeira metade do século passado e aprofundado posteriormente em outra obra (1972). Grosso modo, a noção de duplo-vínculo, no trabalho batesoniano, visou a descrever formas de sociabilidade, entre os Iatmul, nas quais as pessoas conectavam-se, relacionavam-se, por meio de relações que são antinômicas, formalmente antagônicas. Entretanto, nos rituais *naven*, essas relações antagonizadas são vivenciadas, única e exclusivamente, de modo concomitante. Encerrando um paradoxo central da cultura iatmul, expresso em geral nas cerimônias *naven*, Bateson desenvolveu o conceito de duplo-vínculo de modo a descrever e analisar fenômenos que vinculam proposições, assertivas, afetos que são paradoxos, isto é, que são antinômicos (exclusivos) e necessários (inclusivos) simultaneamente. Em outros trabalhos, Bateson seguiu com o conceito, como uma ferramenta heurística útil para outros contextos analíticos e descritivos. A fortuna crítica, no campo da antropologia, assenta-se, dentre outras, na capacidade do conceito batesoniano lidar com as vinculações duplas, concomitantes, que não permitem escolhas, entre esferas antagônicas. É nesse sentido que tomo de empréstimo o conceito, a saber, como uma ideia, com função metodológica e epistêmica, para expressar a impossível escolha entre categoria êmica (o “ponto de vista nativo”, local) e categoria ética (o ponto de vista geral), na qual me encontro(ei) nesta pesquisa.

<sup>98</sup> Sucesso na vida é citado aqui enquanto categoria êmica. Seus significados possuem variações, mas no geral se referem a alcançar objetivos de longo prazo, geralmente com formas econômicas de mensuração. Estabilidade financeira e reconhecido status social são alguns parâmetros. Sucesso na Vida é uma expressão que, se encarada enquanto categoria sociológica, pode funcionar como ferramenta para perceber normas quanto ao que se espera em determinado grupo social no qual a categoria é utilizada.

Entretanto, o foco exagerado em metas e gerência, como mostro a seguir, em vez pluralizar essa universidade, a individualiza e homogeniza.

Pretendo apresentar como duas características estão presentes na universidade: uma espécie de reino da razão e uma gestão empresarial em prol de maior eficácia. Interessa saber como aquilo que chamarei de Reino da Razão se relaciona com essa gestão empresarial que se materializa dentro do campo acadêmico e, por fim, quais as consequências desta fusão para as pessoas que compõem as universidades.

Convém caracterizar o que se quer dizer por razão e por racionalismo. Tal razão é afirmada no contexto ocidental, nos séculos XVI e XVII, como um rompimento com o mito e com a fé. O que também é negado neste processo, é a capacidade explicativa da experiência primeira, em outras palavras, do acesso à compreensão através dos sentidos. A compreensão sensorial é entendida como pouco capaz de alcançar o ideal racionalista, o da abstração e generalização do conceito. Ressalto que não há uma resposta simples e direta para o que significa a Razão para o ocidente, mas convém entender alguns de seus enunciados com importantes repercussões para os fenômenos em estudo aqui.

Segundo a linha de um importante epistemólogo, Karl Popper, a razão, em sua empregabilidade pela ciência, é uma forma de conhecer que se opõe ao que é subjetivo e local. O que de fato interessa à produção de conhecimento é sua lógica, generalidade e possibilidade de ser posta à prova e não às condições locais de como cientistas alcançam suas proposições (POPPER, 2013, p.15). Pode-se dizer, resumidamente, que o critério que define o status científico de uma teoria é sua capacidade de ser refutada ou testada. (POPPER, 1980, p.4). As motivações dos questionamentos epistemológicos de Popper se dão no contato com teorias científicas com grande repercussão em sua vida estudantil: Relatividade, de Einstein; Teoria da História de Marx; a Psicanálise de Freud; e a 'Psicologia Individual' de Adler (POPPER, 1980, p.2). Entretanto, para o autor, as três últimas teorias teriam “mais em comum com os mitos primitivos do que com a própria ciência” (*Ibidem*). A semelhança não era dada pela credibilidade ou não de suas afirmações, mas pela impossibilidade, segundo o autor, delas serem refutadas por qualquer acontecimento concebível.

Com sua compreensão epistemológica, Popper não ignora que existam motivações pessoais dos pesquisadores, para além das condições objetivas e de critérios de falseabilidade, porém estas não teriam lugar central na produção de teorias científicas. Entenda-se: “o conhecimento científico deve ser justificável, independente do capricho pessoal; uma justificativa será objetiva se puder, em princípio, ser submetida a prova e compreendida por todos” (POPPER, 1980, p.46). Ainda nesta perspectiva popperiana, pode-se afirmar que

a razão é algo que cada indivíduo pode encontrar no interior de si mesmo, mas que ao mesmo tempo possui autoridade universal. É uma fonte de autoridade capaz de convencer aquele que dispõe a escutar (NAGEL, 2001, p.12).

A característica essencial do raciocínio, segundo esta linha, é a sua potência de generalidade. E sua meta é alcançar princípios universais, isentos de exceção (NAGEL, 2001, p.13-14). Para esta perspectiva, que é epistemológica, o que importa no processo de produção de conhecimento é a falseabilidade das teorias. Ou seja, o conhecimento científico, para receber esse qualificativo, precisa(ria) ser submetido a testes e, por conseguinte, constantemente colocado à prova (falseado), com critérios bem estabelecidos, pela comunidade produtora e responsável pelas pesquisas e produção de conhecimentos científicos, e passíveis de serem verificados (isto é, debatidos por pares). De igual monta, é importante que os critérios sejam reconhecidos no campo acadêmico, no sentido em que estão fundamentados em argumentos respaldados por hipóteses, teorias, pesquisas de valor legitimado e, principalmente, capazes de sustentar um ambiente de debates orientado por uma perspectiva de reflexão racional.

Entretanto, como mostram Adorno e Horkheimer (1985), a razão, nos moldes do movimento do esclarecimento no chamado capitalismo tardio, torna-se ela mesmo também um grande mito. Isto é, a razão iluminista passa a ser pautada pelos mesmos objetivos do mito, cai naquilo que visava a negar em seus desideratos: impor uma coesão social e uma dominação da natureza (RATTES, 2015, p.78). O que se afirma com isso, importante destacar, não é a negação das conquistas da razão e sim o reconhecimento de suas semelhanças com outras formas produzir conhecimento. Formas estas geralmente rotuladas como ultrapassadas. Razão pode ser apresentada, segundo esta outra perspectiva, como um método de conhecer fundado no cálculo e na lógica e o racionalismo como a construção de uma visão coerente, totalizante, a partir de dados parciais ou de uma visão parcial; ou ainda a dedução de um princípio único a partir de uma diversidade de fenômenos bem maior (MORIN, 1982, p.87). É com uma linha de pesquisa, que se opõe àquela que tem em Popper seu principal expoente, crítica ao exercício da razão como única definidora da experiência acadêmica/científica, que sigo adiante.

Uma das formulações mais clássicas desta forma de pensar a epistemologia foi formulada por Thomas Kuhn (2013). Seus argumentos põem em dúvida a compreensão da ciência como uma acumulação de descobertas e invenções individuais. Levi-Strauss (1970), vale lembrar, através de uma reflexão antropológica, nos convida a conceber com mais prudência a ideia de progresso da humanidade como uma série regular e contínua de acumulação de descobertas. A noção de progresso, utilizada como critério de comparação sobre outras culturas, utiliza como parâmetro a quantidade de energia disponível por habitante enquanto medida de maior ou menor grau de desenvolvimento (*Ibidem*). Uma mudança de parâmetro, longe de não reconhecer as conquistas

obtidas, poderia mudar radicalmente a ideia de progresso e a comparação entre diferentes culturas. Com este argumento em mente, voltemo-nos novamente a comparação de perspectivas acerca da produção de conhecimento.

Seguindo agora com Kuhn, não há progresso por acúmulo gradual de conhecimentos e experimentos, e sim por rupturas no que ele chama de ciência normal. Ao contrário da formulação de Popper, as revoluções científicas<sup>99</sup> não são parte do cotidiano das descobertas científicas, e sim a exceção. O que ocorre no cotidiano é a ‘ciência normal’, que não opera sob um constante falseamento. Esta é baseada em um pressuposto de que a comunidade científica conhece o mundo ao que se propõe questionar, ou que, ao menos, conhece as perguntas a serem feitas. Aquilo que escapa aos questionamentos levantados pelas técnicas vigentes ou que escapa aos métodos já criados de percepção, é ignorado pelo campo científico que adota determinado paradigma.

O que esta perspectiva epistemológica aponta é para a importância de entender como a razão é exercida no cotidiano, algo caro às empresas antropológicas, para além de um exercício abstrato e protocolar. Qualquer método de conduzir a ciência que seja excessivamente firme e rígido, deixa escapar aquilo que a história da ciência tem mostrado fazer parte dos resultados de pesquisa (FEYERABEND, 1977, p.29). Ou seja, por mais rigorosos que sejam os métodos e critérios colocados, aquilo que não é contabilizado ou mensurado continua a ser parte essencial do processo de produzir ciência.

De acordo com Feyerabend, qualquer que seja a regra imposta sobre a forma de produzir ciência, ela será eventualmente quebrada, não por acidente ou descuido, mas por necessidade. Se o que foge ao método estabelecido tem papel crucial na produção de conhecimento, então a consequência de meios cada vez mais eficazes e produtivos de aplicar a razão acaba por solapar seu próprio progresso, pois exclui dos paradigmas o erro e o desvio, sem os quais a razão não alcançaria o potencial que já possui.

Com efeito, não é admissível que a ciência tal como a conhecemos, ou a ‘busca da verdade’, no estilo da filosofia tradicional, venha a criar um monstro? Não é admissível que prejudique o homem, transformando-o em máquina miserável, hostil, egoísta, desprovida de encanto e de humor? [...] Suspeito que a resposta a todas estas indagações deva ser afirmativa e creio que se faz urgentemente necessária uma reforma das ciências que as torne mais anárquicas e mais subjetivas (FEYERABEND, 1977, p.274).

---

<sup>99</sup> A Ciência Normal, esta com a qual os cientistas operam rotineiramente, opera com paradigmas que não são constantemente questionados. Eles colocam um quebra-cabeças, ou seja, uma série de perguntas, a serem solucionadas. É preciso uma série de anomalias para conduzir a uma crise que pode ser resolvida com o estabelecimento de um novo paradigma. A ideia de paradigma, da forma utilizada por Kuhn, coloca a necessidade de perceber que há algo em disputa. Por Revolução Científica aqui se entendem os episódios extraordinários nos quais ocorre essa alteração de compromissos profissionais (KUHN, 2013).

A ciência – entendida como uma prática sempre localizada, realizada por pessoas em contextos sociais atravessados por diferentes instâncias e qualidades – é muito mais fugidia e irracional do que a sua imagem propagada (a epistemológica), e a tentativa de torná-la cada vez mais presa a um tipo de racionalismo (Cf. Popper, 2013) pode, por fim, destruí-la. Se esta hiper racionalização minar a saúde dos docentes e discentes dos centros de pesquisa e ensino, certamente a ciência construirá seu próprio fim. Devemos então concluir, seguindo Feyerabend, que, mesmo no campo da ciência, não se deve e não se pode permitir que a razão seja exclusiva, devendo ela, frequentes vezes, ser posta de parte ou eliminada em prol de outras entidades (1977, p.279).

Para os fins deste artigo considero suficiente apresentar algumas das questões basilares destas duas perspectivas epistemológicas, a popperiana e a kuhniana. Entretanto, gostaria ainda, antes de me voltar a crítica da excessiva instrumentalização do racionalismo, de lembrar mais uma importante concepção do ideal científico, e também de fazer as ressalvas absolutamente necessárias antes da crítica.

O ideal científico weberiano é outra destas perspectivas clássicas que explicam muito acerca do campo científico. Weber (2011) compara o contexto estadunidense e o alemão (o primeiro e classificado como burocrático em oposição ao segundo, classificado como plutocrático), para analisar a ciência segundo as perspectivas que se apresentam para aqueles que terminam seus estudos no ensino superior. Em ambos os sistemas, o autor nota que a vocação de cientista exige uma dupla aptidão: a de pesquisador e a de professor. Duas qualificações que não são de antemão coincidentes. Também passa a fazer parte da carreira científica, cada vez mais quando Weber escreveu seu ensaio e ainda mais hoje, um alto grau de especialização que outrora não era padrão.

Entretanto, o que mais interessa para o presente tópico é a explanação de Weber acerca do funcionamento e dos fins da ciência. O autor identifica largamente disseminada a ideia de que a ciência é uma operação de cálculo realizada em laboratório e escritórios de estatística, fazendo uso apenas do "entendimento frio" e não de "toda a 'alma'" (WEBER, 2011, p.25). Ao que Weber responde que nem mesmo nas fábricas e laboratórios o trabalho é realizado por este puro cálculo. Aquilo que inspira o pesquisador a escrever escapa ao 'entendimento frio' e é necessário a qualquer escrita (como bem notará todos aqueles que se dedicam a escrever uma monografia, dissertação ou tese). Mais ainda, continua Weber, esta inspiração não pode ser forçada. Tal alma ou inspiração, porém, não diminui a importância da disciplina neste processo. É preciso tanto a obrigação de executar operações triviais, como também não reduzir o trabalho a uma sequência de operações mecânicas. Em outras palavras:

[...] Se não nos acudir ao espírito uma "ideia" precisa, que oriente a formulação de hipóteses, e se, enquanto nos entregamos a nossas conjeturas, não nos ocorre uma "ideia"

relativa ao alcance dos resultados parciais obtidos, não chegaremos nem mesmo a alcançar aquele mínimo. (WEBER, 2011, p.25-26)

Weber também dedica algumas ideias a noção de progresso na ciência. Primeiro para apontar um estranhamento com o que ele chama de uma "posição estranhamente negativa" para com a ciência ou que, considerando o contexto sócio político atual, eu chamaria de um anti intelectualismo. Em vez de optar por uma fuga à razão e aos critérios científicos, o que proponho, traçando um paralelo com Weber, é uma crítica que busque compreender os caminhos trilhados, reconhecendo suas conquistas e suas apostas, para nele ver seus poderes e suas limitações (WEBER, 2011, p.47).

Aquilo que o autor se refere como uma racionalização intelectualista, que se deve à ciência e à técnica científica, significa a possibilidade assumida de a qualquer momento se poder explicar o mundo através da racionalidade e não da magia. Ou, para usar a expressão canônica de Weber, um desencantamento do mundo. A ciência, diz Weber ao citar Tolstói, não responde a indagação do que realmente importa ou como se deve viver (2011, p. 35-36). O papel da ciência, nesta abordagem, reside em: colocar à disposição certo número de conhecimentos que permitem dominar tecnicamente a vida por meio da previsão; fornecer métodos e uma disciplina para o pensamento; clareza quanto aos métodos utilizados; e, decorrente desta clareza nos métodos utilizados, a possibilidade de averiguar que determinada conclusão é fundamentada em determinados pressupostos e deriva de determinada visão última e básica do mundo (*Ibidem*, p.45).

De forma que se tira uma conclusão importante e útil para este estudo, a partir destas observações. Não há ciência sem pressupostos assim como ciência alguma é capaz de provar seu valor àqueles que rejeitem seus pressupostos (WEBER, 2011, p.49). É preciso a existência de uma comunidade científica para a existência da ciência, algo que tanto Kuhn como Popper reconhecem. De modo que, como pretendo apresentar nas páginas seguintes, a forma largamente utilizada atualmente de contabilizar a ciência fortalece aspectos importantes como a clareza e a discussão de pares na produção científica, mas ignora a 'alma', o 'sensível' ou, de forma mais clara, ignora o que é próprio da rotina e da incerteza da produção científica e da vida de estudantes e professores, que sempre escapará às formas de contabilidade.

Antes de entrar na crítica propriamente dita, faço aqui uma breve ressalva que é necessária antes da crítica vindoura. A proliferação de movimentos políticos e sociais anticiência, a busca sistemática de rejeitar a ciência e os especialistas em prol de narrativas maniqueístas, a entronização da opinião própria acima dos argumentos, o desprezo por argumentos contrários e o uso do potencial das redes sociais na internet para a difusão de notícias falsas (SALAS, 2019). Estes são alguns exemplos de locais nos quais se localiza o debate sobre produção científica atualmente e aos

quais é preciso estar atento. Uma crítica à determinada forma de manifestação do racionalismo industrial não é um abraço à anticiência.

O ideal racional, apresentado em algumas das proposições citadas (seja para elogiar ou para criticar), é resultante de contextos e debates localizados socialmente e geograficamente. Assim como também é responsável por diversas conquistas. A inserção de métodos de avaliação, por exemplo, foi acompanhada, nos anos 80, a um processo maior autonomia e auto gerência do ensino. A ‘acreditação’<sup>100</sup> que nas universidades e meios de divulgação científica “transforma-se no principal mecanismo de controle de qualidade da formação acadêmica e profissional em cada país” (BARBOSA; DANTAS, 2018, p.13). Como resultado, no caso brasileiro, as universidades têm obtido um crescimento em abrangência e captação de estudantes em diferentes regiões do país. Desta forma, por exemplo, os quadros de avaliações da CAPES regularmente mostram como recursos estão sendo aplicados de forma a garantir o crescimento de programas de graduação e pós-graduação, assim como de revistas científicas.

A avaliação da ciência pelos pares, algo que está presente desde a epistemologia de Popper e Nagel, e que será contextualizada no próximo tópico, é uma conquista das universidades como forma de qualificar o debate interno à academia. A revisão por pares é tida pela grande maioria dos pesquisadores como o mecanismo mais efetivo e eficaz para garantir a qualidade, confiabilidade, integridade e consistência da literatura acadêmica (NASSI-CALÒ, 2015). Com a enorme produção de conhecimento, das mais diversas fontes, estabelecer parâmetros claros para o debate científico contribui para distinguir e orientar entre debates mais ou menos qualificados. A construção de um ambiente de debate com regras claras e passíveis de serem criticadas é fundamental para a criação de um saber não dogmático.

Com isto dito, pretendo afirmar que o projeto epistemológico e científico das universidades possui conquistas importantes e inegáveis. Opor-se a isso seria negar o óbvio leque de conquistas e avanços obtidos por estas perspectivas. Porém, sigo agora com uma crítica de como essa Razão se torna uma instrumentalização competitiva dentro do ambiente acadêmico e como isso afeta as pessoas concretas que compõem este campo.

### Por uma crítica da razão pura

O cerne da crítica nesse tópico é direcionado a uma racionalidade instrumental, resultante da associação entre as diversas formas de controle (como será visto nos tópicos seguintes, por meio das avaliações de desempenho) com a economia. Essa fusão que precisa maximizar e quantificar

---

<sup>100</sup> BARBOSA; DANTAS, utilizam esta expressão comum em processos de avaliação e certificação, ‘acreditação’, para se referir a um movimento de expansão das universidades na década de 1980 e o papel de regulamentação do Estado em relação aos serviços públicos, dentre eles, a educação universitária.

todos os processos racionais é o fim da racionalidade crítica e, portanto, da própria razão (MORIN, 1982, p.91). Pois, como apresentado brevemente nos parágrafos anteriores, seria próprio do processo científico a capacidade de ser crítico à sua própria produção. Sem espaço e tempo para o exercício desta reflexão, o exercício científico torna-se mero cumpridor de metas administrativas. Porém, há um outro ponto, que diz respeito ao cerne desta pesquisa: a maximização dos processos racionais é obtida ao custo da expulsão de idiosincrasias essenciais às pessoas que produzem a ciência.

Desta forma, se dissolve a ideia humanista do conhecimento e o fermento crítico. A razão é, por fim, devorada por um racionalismo, e os homens se tornam sujeitos a obedecer a aparência de racionalidade, da burocracia e da indústria, por exemplo (MORIN, 1982, p.90). O racionalismo empenhou-se em passar a borracha em tudo que era da ordem do sentimento comum, fazendo dessa concepção um encontro com a metodologia de construção do conhecimento científico. Desta forma a inteligência é delegada a determinados locais de conhecimento, como universidades e centros de pesquisa, cada vez mais distantes da vida social (ou fora destas socialidades específicas). Cada vez mais, permanece aquilo que pode ser contabilizado e transformado em meios eficazes para o alcance de metas (resultantes também a partir daquilo que pode ser contabilizado). O resultado disso é produzir não só uma burocracia para uma sociedade, mas também uma sociedade para uma burocracia, não apenas um conjunto de técnicas para um povo, mas um povo que atenda a certo conjunto de técnicas (MORIN, 1982, p.92).

A expulsão do senso comum, por parte deste projeto instrumentalista e mercadológico, e a exigência de responder às demandas universais (o que apresentado de forma mais evidente nos tópicos seguintes) fazem com que o saber se torne cada vez mais distanciado daquilo que pretende estudar. Cabe se questionar, portanto, quais as consequências de esquecer a importância da inserção específica das universidades nos textos e contextos nacionais, regionais e locais específicos (SPINK; ALVES, 2011, p.339)<sup>101</sup>. O principal perigo desse saber que se distancia dos objetos que estuda é o de estar cada vez mais desconectado da realidade que se deseja dar conta. Quando o conhecimento se torna um fim em si mesmo, voltado a atender suas próprias metas, fatores de impacto e qualificações em rankings, ele passa a ser gerido senão por suas próprias leis. E por mais que muito possa ser alcançado por este jogo de ideias, isso não pode ser negado, isso faz com que diversas produções científicas passem a valer mais pelo seu encadeamento rigoroso, pelo modo

---

<sup>101</sup>Aqui é útil lembrar que a Universidade Federal do Ceará tem como lema "O universal pelo regional". Isto se traduz no compromisso formal da instituição "na solução dos problemas locais, sem esquecer o caráter universal de sua produção".

como conceitos são ajustados e pela sua coerência interna do que pela sua pertinência, relevância ou mesmo compreensão (MAFFESOLI, 1998, p.48).

O que este artigo intenta mostrar é que esta razão fechada em si rejeita como inadmissíveis grandes fatias da realidade, ignora aquilo que fica fora do paradigma, as anomalias. (MORIN, 1985, p.95). O fenômeno da fragilidade da saúde dos estudantes nas universidades é uma das consequências do novo racionalismo industrial, que em suas operações, tal como uma ciência normal (no sentido estabelecido por Kuhn), acumula anomalias aquém das dinâmicas do ambiente universitário e científico. As dinâmicas sociais do campo acadêmico, soterradas por esse espírito do tempo, reaparecem em uma espécie de retorno e de mal-estar, de diferentes formas – em especial, visto a destacar uma dessas reaparições: aquelas na forma de adoecimento das pessoas, dos universitários com os quais trabalho. O racionalismo industrial passou a ocupar os diversos campos da vida social, seja na política, no lazer e também na produção de conhecimento científico.

Portanto, em vez de continuar pensando segundo um racionalismo puro e duro, em vez de ceder às sereias do irracionalismo, talvez seja melhor pôr em prática uma “deontologia” que saiba reconhecer em cada situação a ambivalência que a compõe: a sombra e a luz entremeadas, assim como o corpo e o espírito, interpenetram-se numa organicidade fecunda (MAFFESOLI, 1998, p.19).

O que o estudo das narrativas dos estudantes mostra não é a necessidade do abandono da razão, mas sim a abertura destas universidades para as trajetórias e suas experiências não quantificáveis em parâmetros de avaliação de performance. Algo como o que Morin nomeia como Razão Aberta ou Maffesoli como Razão Sensível.

Uma preocupação que atravessa as obras de Maffesoli, e também esta pesquisa, é evitar a petrificação do objeto analisado (MAFFESOLI, 1988, p.19). É neste sentido que ele elabora uma espécie de deontologia do sensível dentro do saber científico. Seu interesse, em outras palavras, está no residual da razão pura. Há uma clandestinidade da experiência (*Ibidem*, p.221) que escapa aos documentos quantitativos (o que ficará mais evidente a partir do tópico seguinte). Por clandestinidade, Maffesoli se refere à centralidade subterrânea da experiência.

Uma vez proposto e analisado o componente econômico, temos diante de nós o ‘resíduo’. O mesmo pode ocorrer com termos de trabalho ou de lazer, bem com no que tange ao consumo. As perspectivas poderiam ser multiplicadas ao infinito. É este resíduo, no sentido que lhe atribuiu V. Pareto, que constitui uma interrogação viva dirigida ao sociólogo da vida cotidiana (MAFFESOLI, 1988, p.207)

A pesquisa dos resíduos pode parecer frívola. Uma razão para isto está na dificuldade de quantificá-la e, portanto, torná-la merecedora de investimentos dentro do atual sistema de economia acadêmica. Pelas avaliações de performance, se não é quantificável, é um trabalho perdido, ou pior, é um trabalho penalizado, pois tira esforço que pode ser aplicado em algo que será quantificado. Entretanto, ao se invisibilizar esse resíduo, o que se exclui da ciência é a própria

experiência, sem a qual não existem os alunos e professores. O que fica de fora, concordando com Maffesoli, é a própria vida.

Ana<sup>102</sup>, uma das estudantes que participaram do grupo de Mindfulness, que acompanhei na UNIFOR, relacionava o seu bem estar e capacidade de produzir na academia ao que ele chamou de “*uma brecha nas 24 horas*”. A própria Ana abordou o significado deste conceito para ela:

É uma brecha nas 24 horas. É um tempo fora do tempo, ele não pertence ao dia, pois “não precisa ser, não precisa estar ali, não é obrigação”. [...] As atividades me dão uma oportunidade de não pensar nem nos estudos, nem em casa. É uma oportunidade para não pensar em nada. E é bom isso. [...] Também não é um tempo para ganhar ponto, não é para ser bonita, não é para ser perfeita. É só um tempo.

O que Ana traz nesta elaboração é aquilo que fica de fora da economia acadêmica. O espaço entre as atividades, porém, é visto por ela mesmo como algo fora das 24 horas. Ou seja, trata-se de um tempo fora do tempo, que não encontra valorização de sua existência dentro do dia contabilizado e avaliado.

O grupo de Autocuidado, por sua vez e de acordo com seu coordenador, intenta a criação de “ambientes seguros e acolhedores” diz respeito a um espaço fora dessa selva, que os prepare para voltar à mesma e desenvolver “seus papéis acadêmicos”. Novamente, a universidade aqui é vista não apenas como um Reino da Razão, mas também como uma selva. Selva esta na qual todos os recursos precisam ser maximizados.

Voltando a Maffesoli, portanto, trata-se, por esta Razão Aberta, da valorização do ordinário, do cotidiano. Reconhecer que a paixão, o sentimento, a emoção e o afeto exercem um papel privilegiado no exercício da razão. Sendo mais específico, trata-se de reconhecer as trajetórias como parte integrante destes estudantes e da própria universidade. Ou seja, os contextos sociais, as vulnerabilidades as quais os estudantes estão sujeitos, os vínculos sociais que podem contribuir para a permanência ou ausência destes alunos na academia e a relação do saber aprendido com o local. É novamente com Maffesoli que temos uma formulação das importantes ausências da produção de conhecimento tal como está posta atualmente.

[A razão pura] Produz um esquema que apresenta características importantes, mas ao qual falta o essencial: a vida. Há aí algo de desencarnado. Não que falte eficácia – os desempenhos da modernidade estão aí para prová-lo – mas deixa de ser satisfatório a partir do momento em que se assiste, de diversas maneiras, ao “élan vital” renascente (MAFFESOLI, 1998, p.31)

Como os diversos indicadores de rankings universitários têm mostrado, não é esta eficácia que tem sido penalizada. São as pessoas que compõem esses centros universitários que primeiro

---

<sup>102</sup> Todos os nomes utilizados aqui para designar os interlocutores desta pesquisa são pseudônimos. O objetivo é proteger suas identidades e trajetórias de estigmas e maus usos que possam se voltar contra os mesmos.

sentem suas consequências. Em um contexto no qual há constante demanda, cada docente e discente é substituível por alguém que possa suportar as exigências do racionalismo industrial. Entretanto, no processo, a universidade abandona aqueles a quem deveria acolher. Tudo em nome de menores custos, melhores qualificações e financiamentos.

Em uma atividade proposta dentro do grupo de Autocuidado, os alunos foram convidados a descreverem e debaterem entre si sobre o que era a universidade e que faltava nela para que ela não prejudicasse sua saúde mental. Um dos participantes do grupo, disse que

a gente entra na universidade, em geral, muito novo, a gente passa por muita coisa, a gente tem contato com conhecimento de alto nível e tem muita pressão, muita exigência. É o momento que a gente aprende muito, se transforma muito, mas por isso também, muitas bases da gente vão sendo deterioradas para se tornar uma nova coisa. Sem apoio psicológico fica muito complicado, porque é muita coisa, é pouco tempo e tudo muito intenso e há a competição, e há os problemas e sempre exigências acima do possível do que a gente consegue fazer. Então o apoio psicológico é muito importante

Esta sua fala condensa muito das demandas trazidas pelos alunos. A mudança de um ambiente para o outro, a vida fora do ambiente familiar e escolar para outro com mais liberdade, junto a todas as demandas de excelência e o sentimento de competitividade. Suas bases anteriores de sociabilidade e cuidado vão sendo derrubadas, entretanto, sem que haja cuidado de repô-las por algo novo. A representação da universidade como um local de competição é muito mais frequente entre os alunos nestes grupos do que como um local que trouxe cuidado. Não almejo, neste momento, uma representatividade estatística destas narrativas, mas sim a possibilidade de colocar em debate vozes que podem nos fazer repensar a relação com o saber acadêmico.

E se as universidades são instituições racionais por excelência, quando elas passam a fundir a razão com urgência, o que se obtém é um tipo de racionalismo que, em sua pretensão científica, é “particularmente inapto para perceber, ainda mais apreender, o aspecto denso, imagético, simbólico, da experiência vivida”. (MAFFESOLI, 1998, p.27). O resultado é um saber que necessita atender a demandas rápidas e quantificáveis, e que para isso exclui as sensibilidades inerentes ao processo de conhecimento. O que se forma é uma perspectiva que valoriza aquilo que pertence a racionalidade e expurga para fora deste reino acadêmico o que localiza na categoria de senso comum. Mas ora, se é a própria sensibilidade que é expulsa, e sendo ela parte inseparável das trajetórias, do cotidiano e do processo de estar no mundo (seja dentro ou fora da universidade), são os próprios membros desta academia que são, em grande parte, exorcizados.

Qual a relação desta reflexão sobre leitura com a saúde dos alunos universitários? A resposta é alcançada via uma reformulação da pergunta, estimulada pelas reflexões suscitadas pela leitura. Qual é o lugar das emoções, dos sentidos, das memórias, da identidade e do social dentro deste

Reino da Razão da universidade? Qual o espaço possível para o exercício de uma razão menos abstrata dentro do ambiente acadêmico no qual se desenvolve esta pesquisa?

### **Gestão gerencial nas universidades**

Algumas expressões utilizadas para descrever o modelo de universidade nos últimos anos, em diversos países, são esclarecedoras para este estudo. Berg e Seeber (2016) utilizam a expressão universidade corporativa (*corporate university*), ou pode-se falar também de uma universidade submetida a uma lógica gerencial (SILVA, 2015). Ambas as expressões apontam para a inserção de uma configuração neoliberal que se espalha nos mais diversos campos da vida social e também na educação e no ensino superior.

A agenda de produção na qual estão inseridas as universidades gera, no que diz respeito à produção acadêmica, a busca por posições significativas em rankings científicos, nacionais e internacionais<sup>103</sup>. Dentre os meios para alcançar estas posições estão o investimento em atividades que gerem reconhecimento das produções dos pesquisadores e das instituições tendo como objetivo o maior aporte financeiro. Como consequência, a relevância social das pesquisas fica relegada a segundo plano, “compromissada com os congressos e os periódicos científicos que definem sua posição no mundo acadêmico global, essa universidade se fecha para as reais demandas e necessidades da sociedade que a abriga” (BORSOI e PEREIRA, 2013, p.1212). Nesta corrida por melhores posições a universidade é tomada por modelos de gestão gerencialista de produção, de forma a obter melhores metas e resultados (SILVA, 2015, p.63). Tais resultados, por sua vez, dependem de meios de quantificação das atribuições acadêmicas. Porém, as próprias atribuições são adaptadas às metas estabelecidas.

Strathern traz um comentário antropológico acerca da emergência de formas de avaliação de performance no ensino superior, tomando como ponto de partida o contexto das universidades do Reino Unido. O que a autora argumenta é que as novas formas de avaliação trazem consigo mudanças no aparato cultural de expectativas e tecnologias disponíveis no ambiente acadêmico. Essas avaliações fazem mais do que monitorar, elas comprometem a vida daquilo que é auditado. (STRATHERN, 1996, p.305). Ao determinar os parâmetros de avaliação, os programas estão também definindo em quais eixos serão investidos os esforços de professores e alunos, sob pena de não obter recursos financeiros para manutenção de suas instituições. A insistência em um conhecimento que possa ser mensurado e avaliado a partir de índices de publicação ou de fator de

---

<sup>103</sup> O site da UNIFOR informa que esta universidade possui como visão “Ser referência regional e estar entre as 10 melhores Universidades particulares do Brasil até 2024, de acordo com o IGC.” Assim como a UFC não raramente se apresenta como a melhor universidade federal do norte e nordeste, segundo ranking do *Center for World University Rankings*.

impacto resulta na invisibilização de outros conhecimentos (SPINK; ALVES, 2011, p.339)<sup>104</sup>. O que é invisibilizado passa a receber menos atenção em detrimento do que precisa ser mensurado, sob a pena de tornar-se obsoleto. Assim como nas narrativas não narrar é uma forma eficaz de instituir alguém morto (KOFES, 2001, p.12), em uma universidade corporativa, não contabilizar algo é excluí-lo das atribuições da universidade.

Ressalto que as avaliações representam um papel importante na educação superior: uma tentativa de elaborar instrumentos objetivados de averiguar conhecimento ensinado pelos professores, o que também resulta em formas de acesso à universidade. O que tem uma justificativa importante em um processo histórico de abertura e democratização das universidades. Estes métodos de avaliação surgiram nos anos 1980 por meio de um processo de reforma na gestão pública conhecido como *New Public Management*. Seu objetivo era legitimar e melhorar o desempenho dos serviços públicos e surge em um cenário de acirramento da concorrência econômica internacional (BARBOSA; DANTAS, 2018, p.4). A busca por redução de custos e produtividade faz com que se adote cada vez mais os princípios da organização empresarial na gestão pública (*Ibidem*, p.4) Porém, com os parâmetros para medir o conhecimento surgem também novas moralidades acerca da aquisição deste conhecimento. O conceito, segundo Strathern, que resume essa nova moral é o de aperfeiçoamento (STRATHERN, 1996, p.307). Se a performance pode ser mensurada, então objetivos e planos de ação podem e devem ser traçados.

Strathern traça uma genealogia dos processos de avaliação do conhecimento desde o século XIX. Mas se pode argumentar por uma genealogia específica das universidades na América Latina, que são construídas em um contexto bastante diverso. Para entender as relações construídas entre universidade, ciência, governos e economia é possível traçar historicamente de que maneiras as universidades se tornaram um alvo de interesse do capital, ou ainda de que formas órgãos governamentais se tornam mediadores destes interesses, os transformando em exigências às universidades (MACHADO; BIACHENTTI, 2011, p.247).

Seja no Reino Unido ou no Brasil, essas formas de avaliação de performance humana se voltam ao ensino superior em um cenário no qual as universidades são reinventadas como entidades financeiras (STRATHERN, 1996, p.309). O que é avaliado não são mais (somente) os estudantes, mas as próprias instituições ou, em outras palavras, o custo destas instituições para fazer com que seus alunos alcancem uma determinada performance desejada, “as instituições são

---

<sup>104</sup>Sobre este ponto, retomo a ressalva feita anteriormente. É importante destacar que a crítica não se dirige a existência de meios de averiguar a qualidade das publicações ou mesmo de classificá-las. Qualquer estudante interessado em determinado assunto científico certamente fará uso de revistas científicas e qualificação Qualis. E, dado a quantidade de publicações disponíveis, é de fato interessante uma orientação, baseada em debates da própria comunidade científica, que sejam capazes de orientar o acesso às publicações.

responsabilizadas pela qualidade de seu investimento” (STRATHERN, 1996, p.309). Resta aos estudantes e professores serem capazes de justificar o investimento feito, sob pena de serem culpados da queda nos rankings e, conseqüentemente, serem substituídos por outros funcionários e clientes mais rentáveis.

O cerne, nesse cenário, passa a ser o de prestação de contas. (STRATHERN, 1996, p. 306). A atividade de avaliação é utilizada tanto para uma alocação mais eficiente de recursos quanto para informar investidores sobre resultados alcançados pelos investimentos públicos (BARBOSA; DANTAS, 2018, p.5). Para que os sistemas de avaliações se apliquem é necessário que se façam representações daquilo que se deseja avaliar de forma que se possa ser descrito e avaliado em uma linguagem apropriada para as ferramentas utilizadas. Qualquer que seja o sistema utilizado, ele só será capaz de perceber as representações de um tipo particular (STRATHERN, 1996, p.311).

Analisando alguns dos sistemas de avaliação e de classificação podemos identificar, de forma mais clara, quais os parâmetros e indicadores utilizados. O Ranking Universitário Folha (RUF) é uma avaliação anual, feita desde 2012, pelo jornal Folha de São Paulo. Nela, são avaliadas 196 universidades, levando em conta os parâmetros que buscam medir a qualidade da pesquisa (mensurada pela quantidade de publicações, citações e teses defendidas), do ensino (entrevistas com os professores, qualificação dos docentes, dedicação à instituição e nota do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes - Enade), o mercado (preferências de contratação de egressos), níveis de internacionalização (medido por citações e publicações em países estrangeiros) e inovação (quantidade de registro de patentes e parcerias com setor produtivo). Outras classificações, de abrangência nacional ou internacional seguem parâmetros semelhantes. O QS World University utiliza seis parâmetros: reputação acadêmica, empregabilidade, proporção de professores e alunos, citações e internacionalização, por alunos e por professores. E o *World Universities Ranking* utiliza treze “indicadores de performance cuidadosamente calibrados”, visando a fornecer melhores comparações para “estudantes, professores, administradores, indústria e governo”. Os indicadores deste ranking são classificados em cinco grupos: ensino, pesquisa, citações, internacionalização e transferência de conhecimento para indústria. Outro ranking internacional que também tem sido divulgado por universidades brasileiras é o *Ranking Web of Universities*. Seu objetivo é suporte e incentivo ao conteúdo aberto e da produção acadêmica. Os autores deste ranking consideram que sua publicação é uma das mais poderosas e bem sucedidas ferramentas para iniciar e consolidar esse processo de mudança na academia, tanto no que se refere ao comprometimento dos acadêmicos quanto nas estratégias de longo prazo. Os indicadores utilizados por este ranking em sua última edição (Janeiro de 2019) foram, por ordem decrescente de peso na avaliação: Visibilidade (número de redes externas à universidade que se conectam com suas produções), Excelência

(número de artigos entre os 10% mais citados), Transparência (número de citações feitas por “*Top authors*”) e Presença (quantidade de domínios e subdomínios online da instituição).

No Brasil, uma das principais instituições avaliadoras nas universidades é a CAPES. Ela avalia os cursos nacionais de pós-graduação e as revistas científicas. Para os mestrados e doutorados os quesitos de avaliação são, em ordem decrescente de seu peso na nota final, Produção Intelectual; Corpo docente, teses e dissertações; Perfil do corpo docente; e Inserção Social<sup>105</sup>. Como citado anteriormente, é inquestionável a importância de tais indicadores. Por intermédio dos indicadores, a universidade pode se aperfeiçoar na construção de nichos especializados e qualificados para o debate acadêmico. O ponto negativo é a monopolização da academia por estes índices. Ou seja, o risco é excluir tudo o que não é contabilizado que, por sua vez, como venho argumentando, constitui parte essencial da vida universitária.

As avaliações de performance fazem parte do cotidiano das universidades brasileiras nos últimos anos. Não à toa que SPINK; ALVES (2011) iniciam sua crítica do campo turbulento da produção acadêmica relatando a mudança no teor das conversas cotidianas entre professores universitários. Assuntos como congressos, bolsas, associações e focos são substituídas por um monotema mal-humorado em torno das exigências crescentes da produção acadêmica e os *ratings* da avaliação CAPES (SPINK; ALVES, 2011, p.337). Vale ressaltar que a promoção desta contabilidade da produção acadêmica requer o desenvolvimento de relações formais mensuráveis para avaliar o desempenho por meio de padrões e metas que devem ser alcançadas e medidas por indicadores (BARBOSA; DANTAS, 2018, p.5). A disseminação destas ferramentas de controle direciona os comportamentos por meio de mecanismos de recompensa ou punição (*Ibidem*).

Dadas estas questões, é importante questionar o que fica de fora da contabilidade e de como estas avaliações são incorporadas na rotina acadêmica. O que fica de fora dos sistemas de avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e dos rankings de melhores universidades? O que é modificado na produção de conhecimento e na formação dos estudantes? A produção de conhecimento, vale lembrar, é construída por mais do que avaliações, artigos publicados e defesas de projetos. A gestão corporativa das universidades mede quantidade de publicações e fator de impacto (o que se transforma, na prática, em uma medida de qualidade dos programas, departamentos, docentes e discentes). As diversas metodologias utilizadas para avaliar continuam sendo constantemente atualizadas, de forma a serem mais fiéis ao que buscam medir. Os rankings exercem um papel importante, porém é preciso aqui considerar como eles passam a gerir as vidas na universidade.

---

<sup>105</sup>Essa distribuição é baseada na avaliação do documento de avaliação da área de Antropologia/Arqueologia do ano de 2013.

Por outro lado, são invisibilizadas as conversas nos corredores, as contribuições entre professores e alunos, as críticas, contradições, o tempo necessário à reflexão e crítica, os desvios nas trajetórias. Estes fatores, que não cabem nos sistemas de avaliação, passam a ser entendidos como aspectos menores ou até mesmo virtualmente inexistentes. Em um contexto de constante reinvenção do sujeito, de forma a estar sempre competitivo, bem classificado, receber bolsas de produção ou outros recursos financeiros, não atender às demandas impostas pelas novas formas de avaliação é correr o risco de se tornar obsoleto e ser ultrapassado. Portanto, passa a ser preciso eliminar tudo aquilo que não atende a metas de produtividade.

Se a universidade se apresenta cada vez mais como esse reino da razão instrumental, cabe questionar em que recanto está aquilo que não é quantificável, as trajetórias, os desvios na trajetória ideal, o diálogo, a escuta do local, a abertura para aquilo que está fora dos muros acadêmicos, o que não previsto pelos meios de avaliação. E quais as consequências desta uniformização do sentido da universidade, para alunos e professores? Quais são os espaços nos quais aquilo que fica fora do ‘racionalismo puro’ (MAFFESOLI, 1998) e das trajetórias premiadas resiste? Como eu abordo, tudo isso que está para além dos parâmetros não deixa de existir. E esta ausência de reconhecimento do que fica de fora do entendimento dos estudantes contribui para fragilizar a saúde de estudantes e professores e, conseqüentemente, a própria universidade.

Claro que eu não visio a um horizonte, no qual reine a ausência de avaliações em universidades ou de complacência com os erros dos ambientes acadêmicos. Trata-se de uma crítica à aplicação de modelos prescritivos que não enxergam como universidades funcionam, deixando de perceber suas atuações, suas demandas e seus contextos de inserção social. Desta forma os modelos ficam cegos para demandas locais, devido aos parâmetros universais de avaliação. “A avaliação de quão bem está trabalhando uma universidade é tomada com base em parâmetros pré-estabelecidos. Eles medem a instituição como uma organização de acordo com estes critérios de como uma organização eficiente deveria ser” (STRATHERN, 1996, p.312). Portanto, ao se questionar como uma instituição é avaliada, podemos encontrar a resposta de que é pelo grau de como esta instituição se adequa às representações padronizadas de organizações que alcançam seus objetivos. Outra parte desta resposta é que para que uma instituição seja bem avaliada, ela precisa se enquadrar nos parâmetros utilizados, para que possa ser descrita a contento. (STRATHERN, 1996, p.312). Portanto, os critérios a serem atendidos são sempre externos, alheios às demandas daqueles que constituem esta instituição. O que se critica aqui é a noção de que as universidades precisam justificar o investimento feito nelas provando que elas podem produzir um retorno financeiro ainda maior (COLLINI, 2012). Não se trata de afirmar que a universidade não deva

responder à sociedade e ao governo, mas questionar os parâmetros essencialmente econômicos utilizados.

Strathern mostra como as avaliações levantam pressupostos que terminam por alterar o próprio cerne da universidade.

A instituição é avaliada por atos que presumem a unidade - pelo grau de consenso pelo qual ela alcançará seus objetivos e, portanto, pela eficácia com a qual efetivamente *eliminou* as contradições. O modelo simples é que a 'uma' organização deve ser definida por uma missão (coerente). Em outras palavras, a instituição é como um 'eu', definido por uma singularidade identificável de propósito. Aqui, o *loop* começa a afogar a tensão: o "eu", no convite ao auto-exame, acaba por ser um tipo particular de *self* - para ser julgado por critérios que concordam com o que é o eu, isto é, o tipo de agência que impulsiona pessoas/instituições para seus objetivos declarados (STRATHERN, 1997, p.313)

As avaliações são apresentadas com as funções de tornarem as instituições a as pessoas mais competitivas. As habilidades medidas penalizam ambiguidade, contradição ou hesitação (todas necessárias ao pensamento científico). As habilidades buscadas devem, ainda, ser passíveis de transmissão e reprodução, independente dos contextos sociais e geográficos (STRATHERN, 1997, p.315).

Vale lembrar que a universidade é composta por bem mais do que pesquisa, e nem são todos os alunos que ingressam nela que buscam se filiar a grupos ou agendas de pesquisa<sup>106</sup>.

Entretanto, como se pode notar aqui, o pilar da pesquisa se sustenta soberano sobre o ensino e praticamente inviabiliza a extensão. Neste sistema empresarial, o que não é contabilizado, quantificado, avaliado e monetarizado, é relegado a segundo plano. E em um cenário de constante urgência (não se pode perder posição em rankings nem financiamentos), o segundo plano é ignorado<sup>107</sup>.

O que pretendo mostrar é que as formas de contabilidade sobre a pesquisa, ou as formas de ignorar o foco em ensino e extensão, ocorrem não sobre conceitos abstratos, mas sim sobre pessoas reais e que sentem as consequências no cotidiano. No que se refere aos alunos, há uma espécie de *aluno modelo*. Ele é pesquisador, produtor de artigos e é moldado pelas exigências dos

---

<sup>106</sup>A Constituição Federal de 1988 define, no artigo 207, que “As universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão” (BRASIL, 1988).

<sup>107</sup>No ano de 2019 a UFC abriu edital para seleção de bolsas de extensão e bolsas de pesquisa. Enquanto para a primeira categoria foram dedicadas 650 bolsas, para a segunda foram ofertadas 1001 bolsas remuneradas. Seria necessária uma pesquisa mais ampla para dar conta do papel da extensão dentro do saber universitário, da produção de conhecimento e da saúde docente e discente. Porém, algumas questões levantadas até o momento fazem referência a qualidades dos projetos de extensão. É nesta forma de atuação da universidade, principalmente, em que saberes acadêmicos, científicos ou humanísticos mais se aproximam de uma fusão de horizontes com os saberes populares e locais. O debate em torno de projetos de extensão e sua importância na dinâmica acadêmica têm tido presença dentro da Reunião Brasileira de Antropologia por meio de Grupo de Trabalho próprio: Políticas, etnografias e campos da extensão universitária na antropologia brasileira.

modelos de avaliação. Neste sentido o *aluno empírico* é penalizado com um pertencimento clandestino à universidade. O que se espera deste aluno só pode ser conhecido e modificado a partir das experiências daqueles que passam pelos diversos cursos, de suas dificuldades, limitações e trajetórias. No tópico seguinte inicio a apresentação destes sujeitos empíricos que vivem o cotidiano das universidades.

### **Produtivismo e saúde**

Diversas pesquisas (SILVA, 2015; BORSOI; PEREIRA, 2013; BERG; SEEBER, 2016; SPINK; ALVES, 2011; FREITAS, 2019) têm apontado para adoecimento de professores e alunos. Mais do que isso, o que tem sido apontado é uma relação entre os modos de trabalhar e se relacionar com a produção acadêmica, de forma a cumprir as exigências impostas por determinado modelo de universidade, está relacionada com este adoecimento (BORSOI e PEREIRA, 2013, p.1214). O que se manifesta como sofrimento psíquico no trabalho tende a ser comum numa universidade marcada por relações competitivas e com possibilidades frágeis de laços solidários e/ou de reconhecimento do/no trabalho (SILVA, 2015, p.62).

Borsoi e Pereira (2013) identificaram, em um grupo de 98 docentes da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), de diferentes áreas como Tecnologia, Educação, Ciências Humanas, Ciências Naturais, Ciências Jurídicas, Econômicas, Ciências Exatas e Ciências da Saúde, o que adocece e causa sofrimento aos professores. De acordo com este artigo, não é unicamente a intensidade das cobranças acadêmicas, mas sim sua onipresença em todas as áreas das vidas destes docentes. As atividades acadêmicas sobrecarregam os docentes, adentrando em seu cotidiano e inviabilizando tempo para descanso, lazer e vida familiar e social (BORSOI e PEREIRA, 2013, p.1224).

Silva (2015), em uma pesquisa com professores em uma universidade pública, por meio de análise de prontuários e de entrevistas, conclui que o sofrimento e adoecimento de docentes universitários está ligado a um “complexo afetivo, ético e político que envolve relações indissociáveis, contraditórias e conflitivas entre a subjetividade e a forma histórica de sociabilidade” (SILVA, 2015, p,71), que é submetido a uma racionalidade instrumental e produtiva.

Esta razão instrumental é um saber ligado às formas de dominar (MAFFESOLI, 1998, p.14). Todos estes aspectos anteriormente citados que ficam fora das avaliações deste saber são relegados como não úteis, e até mesmo irrelevantes no processo de constituição do conhecimento. O foco deste saber é, portanto, a universalidade, aquilo que pode ser medido pelos parâmetros antes apresentados. Quanto maior a explicação, maior o poder sobre a utilidade científica e melhores as formas de alcançar metas e otimizar investimentos. Desta forma, o que foge às gavetas não existe, não se torna válido ao pensar (RATTES, 2015, p.78).

A proposta de Maffesoli para este impasse não é de abandonar a racionalidade em prol de uma irracionalidade, mas sim adotar uma forma de relacionar e construir as atividades do saber levando em conta a organicidade entre sombra e luz, percebendo o papel exercido pelo sentimento, a paixão, a emoção e o afeto, os laçeres e os jogos políticos (MAFFESOLI, 1998, p.22). Continuando com este sociólogo, o racionalismo, em sua pretensão científica e iluminista de tudo explicar por meio de sua razão instrumental, é inapto para perceber o aspecto denso, imagético e simbólico da experiência vivida (*Ibidem*, p.28). As pessoas que habitam as universidades são o cerne das justificativas sociais dessas instituições, isto é, o ensino e a formação de pessoas, a produção, circulação e difusão de conhecimentos. Suas trajetórias de vida, que estão no núcleo desta pesquisa, apontam para a necessidade de espaço para esta experiência vivida dentro do que se configura como uma experiência acadêmica. Por mais que se institucionalize o contrário, as contradições, dúvidas e os desejos abrem caminho para existência da vida empírica. Em alguns casos essa resistência do empírico diante do ideal, será dada pelo adoecimento do estudante.

Estudantes estão sujeitos à mesma lógica produtivista e competitiva que os professores. Desde a graduação, os estudantes passam a acumular cada vez mais tarefas de forma a estarem competitivos e inseridos em um mercado de trabalho o quanto antes (FREITAS, 2017). Entretanto, como ressaltado anteriormente, não se trata apenas de sobrecarga, mas também de uma tomada dos diversos fluxos que constituem a vida destes estudantes (lazer, família, descanso) pelas atividades acadêmicas.

Segundo Machado e Bianchetti (2011), a universidade ficou à margem daquilo que historicamente se previa como seu papel, restando aos pesquisadores integrar uma força-tarefa de produção científica, alienados do exercício da crítica (que, geralmente, exige um tempo que não cabe dentro da lógica da gestão). Esta universidade produziria nos sujeitos que a constituem a transformação em

intelectuais em estressados, medicados, eficientes operários de alto padrão, seres ‘sem tempo’ para a principal atribuição: analisar com rigor crítico a complexidade dos processos em curso (naturais ou sociais), possibilitando descortinar a lógica subjacente que comanda o espetáculo da história (MACHADO; BIANCHETTI, 2011, p.251).

Portanto, este artigo se volta para a crítica de como determinadas formas de controle reverberam naqueles que compõem as universidades. Como foi dito, métodos específicos de avaliação são capazes de detectar apenas representações de um tipo particular. Os sistemas vigentes de avaliação nas universidades, que têm sido responsáveis por uma nova modelagem do ensino superior, não são sensíveis a percepção do constante mal-estar dos estudantes. E ainda menos para construir meios de reverter este processo, pois enquanto alguns permanecem adoecendo e, em

alguns casos, se afastando das universidades, sempre haverá outros que serão capazes de atender as demandas.

### Conclusão

Para finalizar, traço um paralelo da presente crítica com o ensaio de Jonathan Crary (2014). Nele, o autor investiga como as demandas de produtividade vão invadindo todos os recantos da vida do sujeito, até alcançar aquilo que o autor apresenta como a última fronteira: o sono ou o descanso. Se somos levados a crer que sempre há possibilidade de aguentar mais obrigações e demandas, Crary responde de outra forma.

[...] A crença de que podemos subsistir independentemente da catástrofe ambiental é paralela às fantasias de sobrevivência ou prosperidade individual no contexto da destruição da sociedade civil e da eliminação de instituições que guardem qualquer aparência de proteção social ou de apoio mútuo, seja educação pública, serviço social ou saúde para os necessitados. (CRARY, 2014)<sup>108</sup>

Crary (2014), em sua análise acerca do capitalismo contemporâneo, pontua uma série de novos regimes de codificação, e de práticas associadas a eles, do tempo. Em especial, afirma que se trata de uma conjuntura na qual para o “paradigma neoliberal globalista, dormir é, acima de tudo, para os fracos”. Dormir, em sua análise, é um reduto de não produtividade, é uma atividade de descanso que, cada vez com mais intensidade, é invadida por outras demandas que não o descanso. Desta forma, não ser capaz de maximizar sua atenção ou não ser criativo o suficiente é perder posições na classificação por performance e produtividade do mercado, mesmo que seja o mercado acadêmico. Boltanski e Chiapello, por sua vez, falam da corrosão, cada vez mais frequente, das fronteiras entre o tempo privado e o tempo profissional. É preciso “sempre estar fazendo algo, movimentar, mudar - é isso que confere prestígio, em oposição à estabilidade, que é muitas vezes sinônimo de inação” (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2018).

No saber universitário trata-se de separar o comum e o ordinário para restar apenas o exercício puro da razão. Nos manuais empresariais analisados por Boltanski e Chiapello (2007) é solicitado que o empregado seja autônomo e inventivo. Que possa, por conta própria, ser capaz de se aperfeiçoar a todo momento, a “realização pessoal através de múltiplos projetos” (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2007, p.90). Se manter esta performance é adocedor as exigências por adaptação constante e competitividade não aparentam colocar qualquer ponto de descanso para pessoas inseridas neste contexto (CRARY, 2014). Como afirma Deleuze, nas sociedades de controle, que corresponde à nossa, não há fim para o processo de aperfeiçoamento e de avaliação

---

<sup>108</sup>Paginação irregular: posição 1317.

contínua. Esta é a forma mais segura de entregar a escola/universidade para o mundo corporativo (DELEUZE, 1992, p.221).

Boltanski e Chiapello lembram como nesta modernidade que vivemos as atividades cujo o tempo dispendido não possam ser alavancadas em prol de uma melhor qualificação (seja na forma de acúmulo de um capital de interesse seja na forma de descanso para trabalho) é um tempo a ser evitado (BOLTANSKI; CHIAPELLO *apud* CRARY, 2014). A submissão a esta condição não se dá por uma questão puramente subjetiva e individual. Trata-se do medo, continuamente reforçado, do fracasso social e econômico.

Ao delinear aspectos da transformação, em curso, das universidades em entidades financeiras, questionei quais as consequências destas mudanças, que vêm uniformizando o sentido da universidade, para alunos e professores; também questiono acerca das possibilidades de resistência ou não das pessoas, quando não têm suas trajetórias premiadas e contabilizadas, à medida que não ingressam no regime do racionalismo presente no chamado capitalismo tardio. O racionalismo, no sentido que abordei, expulsa ou invisibiliza os diversos papéis vividos pelos estudantes (e com eles, seus sofrimentos e alegrias, essenciais para a permanência na academia) em prol de um único personagem, que deve ser cada vez mais eficiente e produtivo: o estudante ideal. Na cristalização deste papel é ignorado o que é próprio da rotina e da incerteza da formação educacional e da produção científica, como também da vida dos estudantes: seus medos, receios, desvios, relações familiares, situação econômica. O que não é contabilizado é preterido em prol de uma instituição mais competitiva, ou seja, a maximização dos processos racionais é obtida ao custo da expulsão de idiosincrasias essenciais às pessoas que se formam na academia e produzem a ciência.

O perfil dos alunos que ingressam nas universidades tem passado por grandes alterações nos últimos anos. Este novo fenômeno traz novas demandas, questionamentos e potencialidades, pois o horizonte de pessoas, que passaram a ocupar os ambientes universitários, no Brasil, mudou para um que é bem mais diverso e plural que aquele de outrora. A fragilidade da saúde dos estudantes não encontra acolhimento na mesma norma posta no modelo racionalista, do capitalismo tardio e suas noções de “pessoa”, “natureza”, “relações sociais”. Tal qual o paralelo feito anteriormente, os desvios a esta norma, que retornam como formas de mal-estar, em especial do adoecimento dos estudantes, são os *loci* potenciais para questionar a normalidade posta.

### Referências Bibliográficas

BARBOSA, Gabriela da Rocha; DANTAS, Angélica Guedes. **CAPES – Relatório Técnico da Avaliação de Ensino e Pesquisa**. Brasil, Ministério da Educação. 2018.

BATESON, Gregory. **Naven: a survey of the problems suggested by a composite picture of the culture of a New Guinea tribe drawn from three points of view.** Stanford, Stanford University Press. 1958.

BATESON, Gregory. **Steps to an Ecology of Mind.** University of Chicago Press. 1972.

BERG, Maggie, e SEEGER, Barbara K..**The Slow Professor: Challenging the Culture of Speed in the Academy.** University of Toronto Press. 2016.

BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. **O novo espírito do capitalismo.** São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. **The New Spirit of Capitalism.** Verso. 1ª ed. 2007.

BORSOI, Izabel Ferreira; e PEREIRA, Flavilio Silva. **Professores do ensino público superior: produtividade, produtivismo e adoecimento.** Universitas Psychologica N. 12, vol. 4. p. 1211-1233. 2013.

CRARY, Jonathan. **24/7. Capitalismo e os Fins do Sono.** Cosac & Naify. 2014 [Livro eletrônico].

FEYERABEND, Paul. **Contra o Método.** Trad: Octanny S. Da Mota e Loenidas Hegenberg. Rio de Janeiro, F. Alves. 1977.

FREITAS, Rafael de Mesquita Ferreira. **A Experiência Ansiosa Construção De Uma Abordagem Antropológica Da Ansiedade Em Estudantes De Graduação Em Fortaleza.** Monografia. Universidade Federal do Ceará. 2017.

FREITAS, Rafael de Mesquita Ferreira. **Uma multidão de pessoas sós: narrativas de adoecimento e acolhimento na universidade, a partir de grupos terapêuticos.** Dissertação (Mestrado)- Programa de Pós-Graduação Associado em Antropologia da Universidade Federal do Ceará; Universidade da Integração da Lusofonia Afrobrasileira. Fortaleza (CE); Redenção (CE), 2019.

KUHN, Thomas S.. **A Estrutura das Revoluções Científicas.** Tradução: Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. 12ª ed. São Paulo, Perspectiva. 2013.

MACHADO, Ana Maria Netto; BIACHENTTI, Lucídio. **(Des) Fetichização do produtivismo acadêmico: Desafios para o trabalhador pesquisador.** RAE - Revista de Administração de Empresas. São Paulo. V. 51, n.3. p. 244-254. 2011.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da Razão Sensível.** Editora Vozes. Petrópolis, Rio de Janeiro. 1998.

MORIN, Edgar. **La Crise de la Rationalité.** Raison Présente. N. 61. p. 87-104. 1982.

NAGEL, Thomas. **A Última Palavra.** Trad: Carlos Felipe Moises. São Paulo, UNESP. 2001.

NASSI-CALÒ, Lilian. **Avaliação por pares: modalidades, prós e contras** [online]. SciELO em Perspectiva, 2015. Disponível em <https://blog.scielo.org/blog/2015/03/27/avaliacao-por-pares-modalidades-pros-e-contras/>

POPPER, Karl R. **Conjecturas e Refutações**. Brasília: Editora da UnB. 1980.

POPPER, Karl. **A Lógica da Pesquisa Científica**. Trad: Octanny S. Da Mota e Loenidas Hegenberg. Rio de Janeiro, F. Alves. 2013.

RATTES, Kleyton G . **O Mel que Outros Faveiam. Guimarães Rosa e Antropologia**. 1. ed. Rio de Janeiro: Multifoco / Luminária Acadêmica. 2016

SALAS, Javeir. **Você não pode convencer um terraplanista e isso deveria te preocupar**. [Matéria de Jornal ]. El País. 2019. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/02/27/ciencia/1551266455\\_220666.html?id\\_externo\\_rsoc=FB\\_C&fbclid=IwAR2HyK75WrNwMLRUZoCZI-ShMcdj4C6wwr8oSSC7BapVkv3gW5flol5J3b4](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/02/27/ciencia/1551266455_220666.html?id_externo_rsoc=FB_C&fbclid=IwAR2HyK75WrNwMLRUZoCZI-ShMcdj4C6wwr8oSSC7BapVkv3gW5flol5J3b4)

SILVA, Selma Gomes da. **Travessias entre a sala de aula e o consultório: trajetórias docentes, adoecimento e narrativas de sofrimento psíquico de professores**. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza (CE). 2017.

SPINK, Peter Kevin; ALVES, Mário Aquino. **O Campo turbulento da produção acadêmica e a importância da rebeldia competente**. O & S: Ideias em Debate. Vol. 18, n.57. p. 337-343. 2011.

STRATHERN, Marilyn. **'Improving ratings': audit in the British University system**. Eur. Rev.. N. 5. p.305-321. 1997.

WEBER, Max. A Ciência como Vocação *In* **Ciência e Política: Duas vocações**. Trad: Leonidas Hegenberg e Octany Silveira da Mota. 18ª ed. Editora Cultrix. 2011.